

Antonia Lloyd-Jones

Uma palestra para o programa *RE-CONNECT* do projeto *CELA (Connecting Emerging Literary Artists)*, 6 de novembro de 2020

Os autores e os seus tradutores nem sempre entram em contacto, mas podem ter muito a ganhar conhecendo-se uns aos outros.

Nesta palestra, Antonia Lloyd-Jones, uma tradutora literária de Polaco para Inglês, explicará os benefícios tanto para autores como para tradutores em construir relacionamentos e dará conselhos sobre como fazer isso em benefício mútuo, evitando potenciais armadilhas. Usando exemplos a partir das experiências de autores e tradutores, a Antonia oferecerá algumas ideias práticas acerca de como se podem ajudar uns aos outros para: garantir o interesse dos editores, trabalhar em conjunto para produzir a melhor tradução possível e contribuir conjuntamente para a promoção dos trabalhos publicados. A palestra durará uma hora, seguida da oportunidade de serem colocadas questões.

Introdução

O meu trabalho como tradutora de literatura Polaca para Inglês, durante mais de 30 anos, trouxe-me algumas das minhas melhores e mais valiosas amizades, que são com os autores cujos trabalhos traduzo. Então, como estão no início das vossas carreiras, eu pensei em compartilhar convosco um pouco dessa experiência e algumas ideias sobre como autores e tradutores podem construir relações mutuamente benéficas que os ajudem em várias fases. Talvez não sintam que se aplica a vocês, mas talvez reflitam um pouco acerca disso.

Vou começar com uma história. Durante o primeiro confinamento, em maio, quando ainda estávamos chocados com esta estranha e nova situação que virou o nosso mundo de cabeça para baixo, fui contactada por Milica Markić, uma eminente tradutora de Polaco para Sérvio. Ela é uma das muitas tradutoras à volta do mundo por quem sinto uma afinidade especial porque traduzimos os mesmos livros. A Milica estava a contactar o maior número de tradutores de livros da romancista polaca Olga Tokarczuk que podia e a pedir-lhes para fazerem pequenos vídeos de leituras do seu trabalho. Ela, então, compilou todas as nossas leituras numa incrível gravação única que publicou no YouTube. Inclui 50 tradutores lendo trechos de 2 minutos da sua própria escolha a partir das suas traduções dos livros de Tokarczuk em 36 idiomas. Foi uma experiência muito reconfortante e edificante – apesar de estar presa em casa no meio da incerteza e da ansiedade, havia 50 de nós, de todo o mundo, não apenas da Europa, mas do Japão, China, Índia, Califórnia, todos unindo-nos e provando que, independentemente do que possa acontecer a este mundo, a literatura é uma força que o une e lhe dá esperança. Isso levou a um grupo no Facebook para os tradutores de Tokarczuk, chamado Okna – Windows – o título de um ensaio que ela escreveu sobre a vista da sua janela durante a pandemia, que vários dos mesmos tradutores passaram a traduzir e a publicar.

Tenho a certeza que já ouviram falar de Olga Tokarczuk e podem até ter lido o seu trabalho – se não em Polaco, então, traduzido por um dos da nossa família feliz. Quando ela recebeu o Prémio Nobel, no ano passado, uma multidão de nós encontrou-se em Estocolmo para a felicitar e estarmos juntos, realizando a nossa

própria celebração especial na noite em que ela recebeu o seu prêmio. Foi um sentimento notável, a coroação do trabalho que todos nós temos feito silenciosamente durante anos e um ponto alto em todas as nossas carreiras, que podemos compartilhar com ela e uns com os outros. E é um bom testemunho do tipo de escritora que ela é e a sua relação com seus tradutores – foi o seu trabalho que nos juntou e nos uniu de uma forma especial.

No ano passado, a Olga escreveu um ensaio notável, o título do qual em Inglês é *Como os Tradutores Estão a Salvar o Mundo*. Deixem-me ler-vos parte do texto (abreviado) traduzido: "Ultimamente estive, muitas vezes, ao lado de um tradutor, pois lancei livros publicados noutros países. É difícil, para mim, expressar o alívio que vem juntamente com o ser capaz de compartilhar a autoria com alguém. Fiquei encantada em abdicar pelo menos de um pouco da minha responsabilidade pelo texto, para o bem ou para o mal... Tive o prazer genuíno de saber que nem todas as perguntas seriam dirigidas a mim e que naquele objeto feito de páginas impressas nem tudo me pertencia. Acho que muitos escritores compartilhariam esta sensação de alívio. A coisa mais surpreendente, no entanto, foi o facto de que a presença do tradutor abriu todo o tipo de novos e ousados mundos para mim... Abordando questões que eu considere estranhas, misteriosas, mesmo. O meu texto adquiriu uma espécie de autonomia, como um adolescente rebelde que decidiu fugir de casa para ir a um festival de música. O tradutor assumiria com calma, mostrando o texto ao mundo de uma perspetiva diferente, tornando-se o seu apoio e atestando-o. Que felicidade! Os tradutores libertam os escritores da profunda solidão que é inerente ao nosso trabalho... Os tradutores vêm ter connosco de fora e dizem: 'Eu estive lá também. Eu segui os teus passos – e agora vamos atravessar esta fronteira juntos'. E, de facto, o tradutor literalmente torna-se um guia, pegando-me pela mão e levando-me através das fronteiras da nação, da língua e da cultura."

¹ A versão abreviada deste ensaio foi traduzida por Jennifer Croft e publicada em *Korean Literature Now*, junho de 2019. <https://koreanliteraturenow.com/essay/musings/olga-tokarczuk-musings-how-translators-are-saving-world>

O texto completo em Polaco foi publicado na edição de junho de 2019 da revista *Książki* e recentemente num livro de ensaios: Olga Tokarczuk, "Praca Hermesa, czyli jak tłumacze codziennie ratują świat" em *Czuły narrator*, Wydawnictwo Literackie 2020, pp. 73-92.

As citações acima estão em pp 86-87:

Ostatnio wiele razy stawiałam ramię w ramię z tłumaczką czy tłumaczem, kiedy prezentowałam swoje książki wydane w innych krajach.

Trudno mi wyrazić to poczucie ulgi, jakie przychodzi, gdy można z kimś dzielić własne autorstwo. Cieszyłam się, że mogę choć częściowo pozbyć się odpowiedzialności za tekst, dotąd wyłącznie mojej, na dobre i na złe. [...] Czułam prawdziwą przyjemność, że nie wszystkie pytania będą skierowane do mnie i że w tym przedmiocie złożonym z zadrukowanych kartek nie wszystko do mnie należy. Myślę, że wielu piszących podziela ze mną to uczucie ulgi.

Najbardziej zdumiewające okazało się jednak to, że obecność tłumaczy otwierała sfery dla mnie niepojęte i że wdawali się, on czy ona, już niezależnie ode mnie, w dyskusje dotyczące spraw dla mnie nie do końca zrozumiałych, obcych, a nawet tajemniczych. Oto tekst uwalniał się ode mnie, czy może to ja odfruwalam od niego. Nabierał jakiejś autonomii, jak zbuntowany nastolatek, który postanowił, że urwie się z domu na Przystanek Woodstock. Tłumaczka pewnie brała go w swoje ręce, pokazywała światu z innych stron, stała za nim murem, ręczyła zań. Co za radość! Tłumacze uwalniają nas, piszących, od głębokiej i wpisanej w ten zawód samotności, [...]. Tłumacze przychodzą do nas z zewnątrz i mówią: ja też tam byłam, szłam po twoich śladach, a teraz razem przekroczymy granicę. Tu tłumacz dosłownie staje się Hermezem — bierze mnie za rękę i przeprowadza przez granicę państwa, języka, kultury.

Então, como é que chegam a um ponto em que como autor e tradutor estão a aparecer juntos em festivais?

Eu percebi que, nas fases iniciais das vossas carreiras, algumas das coisas que eu digo podem parecer-vos irrealistas, mas talvez eu possa dar-vos alguns motivos de reflexão e, o melhor de tudo, alguns conselhos práticos. Nas nossas profissões é bom ser proativo, fazer as coisas acontecerem por nós próprios em vez de esperar que elas aconteçam. O que exige alguma confiança e energia. Mas eu acho que há uma forte sinergia no mundo literário e todos nós podemos aproveitá-la em nosso benefício e nosso prazer.

É claro que eu só posso falar totalmente pela minha própria experiência como tradutora de uma língua 'pequena' para uma 'grande', e eu percebo que nos vossos próprios países as coisas possam não ser tão simples, a publicação varia, as culturas variam – mas talvez eu possa oferecer algumas ideias que valham a pena considerar.

Em primeiro lugar, como é que os autores e os tradutores se podem ajudar uns aos outros a serem publicados?

Como tradutora estabelecida, sou, muitas vezes, abordada por autores que me querem fazer interessar pelo seu trabalho, na esperança de que eu o traduza para o Inglês. Sim, potencialmente um tradutor pode ajudar um autor a encontrar editores para o seu trabalho entre os editores no seu país-alvo. Mas, frequentemente, os esperançosos autores não estão cientes de determinadas realidades. No meu caso, eu tenho que explicar várias vezes que apenas de 3 a 5% de todos os livros publicados em Inglês – cerca de 200.000 no Reino Unido (que é dez vezes mais do que na Polónia) e mais de 300.000 nos EUA – estão traduzidos. E poucos deles são obras literárias, o que significa que a competição é imensa. Às vezes, gostariam que eu traduzisse os seus livros e dizem que pagarão, mas não sabem que a tradução é cara e, mesmo quando se tem uma tradução, não há garantia de que se encontrará um editor. Então, eu explico-lhes que idealmente precisam de ter um agente, senão o tipo de editor na sua própria língua que tem a capacidade de lhes vender direitos estrangeiros.

Se forem tradutores e forem abordados por um autor que gostaria que traduzissem o seu livro e o ajudassem a encontrar um editor, expliquem-lhes isso. Se realmente gostam do livro e acham que é um pelo qual se sentem apaixonados quanto a traduzir, a melhor coisa que podem fazer para o autor e para vós próprios é traduzir algumas páginas de amostra e preparar um relatório do livro – um resumo e uma avaliação, explicando porque gostam do livro, porque acham que ele se venderá e quem vai lê-lo. Depois, poderão enviar esses materiais para potenciais editores, efetivamente agindo como agentes. Podem até mesmo ser capazes de colocar a amostra numa revista literária, o que seria uma maneira de mostrar o trabalho do autor a potenciais editoras de livros. Ver um pedaço do trabalho de um autor numa tradução impressa dá confiança aos editores de livros – não há nada como estabelecerem um elo entre uma revista *online* e os materiais que enviam.

Mas nem o autor nem o tradutor devem ter expectativas irrealistas. Idealmente, deve haver um agente ou diretor de direitos estrangeiros das editoras envolvido, que terá

contactos úteis com editoras estrangeiras e uma presença nas feiras do livro importantes, onde os direitos são comprados e vendidos. Os tradutores que preparam as amostras e os relatórios dos livros para esses agentes e editores têm, muitas vezes, uma grande probabilidade de serem incumbidos de traduzir todo o livro, se e quando os direitos forem vendidos. Não é uma garantia – o editor pode preferir empregar outra pessoa com quem já trabalhou antes – mas isso coloca-vos numa posição muito forte.

Às vezes, como tradutores, sentem que um livro em particular vos tocou muito e só têm que o traduzir – mas, se estão à espera da publicação, sejam realistas e certifiquem-se de que o vosso autor compreende a situação. Traduzir uma grande parte de um longo livro às custas do autor sem garantia de publicação é um risco calculado – se alguma vez enveredarem por esse caminho, certifiquem-se de que existe um acordo por escrito, assinado, entre o autor e o tradutor no início, estabelecendo os limites do trabalho e as expectativas realistas. Não há nada mais dececionante para o autor e para o tradutor do que traduzir um texto longo (ou pagar por um para ser traduzido), apenas para descobrir que ninguém está interessado. O autor acha que a culpa é do tradutor, o tradutor sente-se impotente e ninguém ganha.

Perguntei a alguns dos meus colegas que são escritores e tradutores que tipo de experiências tiveram. Como tradutores, a maioria deles não arriscou tentar ajudar os romancistas a encontrar editores para os seus livros traduzidos. "Na maioria das vezes, quando um escritor me incumbiu de traduzir algo para o qual não conseguimos encontrar um editor, para ser honesto," disse-me um tradutor de Holandês para Inglês, "um acabou autopublicado; por vezes, um conto foi colocado numa revista *online*, mas geralmente não há muitas experiências proveitosas." Uma tradutora de Sérvio para Inglês disse-me "sou abordada a toda a hora por autores que me querem pagar para traduzir os seus livros. Mais recentemente, um autor veio ter comigo com o seu livro de memórias de 1000 páginas. O que eu lhe disse foi o que eu digo sempre: que ficarei feliz em traduzir 30-50 páginas de trechos por uma quantia por página ou por palavra e, depois, se o autor e/ou eu encontrar um editor, celebrarei um contrato com a editora para o trabalho completo e reembolsarei ao autor o dinheiro que ele adiantou para os trechos. Mas não vou passar um ano ou mais a traduzir um livro de 1000 páginas que pode ou não encontrar um editor."

Ela tem razão, as amostras devem ser suficientes para convencer um editor estrangeiro. Mas se o autor tiver uma representação adequada, o tradutor que está interessado no seu trabalho pode dar uma enorme contribuição, preparando os materiais para ajudar o agente ou diretor de direitos da editora a vender os direitos. O tradutor também pode saber de subsídios para o custo desses materiais – nalguns países, na Polónia, por exemplo, há subsídios financiados pelo Estado para traduzir amostras e preparar materiais. Os tradutores podem ajudar os autores e os editores, tendo conhecimento deste tipo de financiamento.

Enquanto os agentes e os diretores de direitos da editora têm contactos internacionais e vão a feiras do livro (tais como Londres na primavera e Frankfurt no outono) para tentar vender os direitos dos livros dos seus autores, os tradutores também terão contactos dentro da indústria editorial no seu próprio país e podem ajudar com sugestões e conversas motivadoras para convencer os editores que

conhecem ou com quem trabalharam no passado. Além de conhecerem os editores, os tradutores geralmente conhecem o mercado no seu próprio país – eles têm uma noção de quais são os livros que vão atrair os leitores e de como eles se comparam com os títulos existentes.

Os melhores resultados vêm do trabalho em equipa, entre o autor, o seu ou a sua agente ou o editor original e um tradutor que se sente comprometido com o trabalho desse autor. Dito isto, há sempre **casos excepcionais** em que um autor e um tradutor podem trabalhar juntos para uma publicação bem-sucedida na tradução sem o envolvimento de um agente ou de um representante de uma editora. Um romancista Polaco *best-seller* disse-me que em França o seu tradutor é tão bom a encontrar editores para o seu trabalho, que ele o trata como um agente e formalmente paga-lhe 10% do dinheiro que recebe da editora Francesa pelos seus direitos. Dito isto, ele e o tradutor desenvolveram uma forte relação profissional e amizade, baseada originalmente nas vendas dos direitos feitas pela editora Polaca no passado, então, eles já estabeleceram uma boa base de confiança.

Há uma área importante em que a confiança nos tradutores é realmente a única oportunidade para um autor ver o seu trabalho figurar noutras línguas. E essa área é a **poesia**. Os poetas raramente têm agentes ou editores com a capacidade de vender o seu trabalho no estrangeiro por eles. E, muitas vezes, é através dos tradutores que o trabalho de um poeta se torna conhecido internacionalmente. Aqui está o que um prolífico tradutor, poeta e editor de Espanhol para Inglês e vice-versa me disse: "É, muitas vezes, o tradutor que faz a descoberta da editora em nome do poeta, especialmente de línguas que são menos comumente faladas. Eu diria que a grande maioria das traduções de poesia tendem a acontecer graças à persistência ou promoção dos tradutores. No mundo da língua Inglesa este é definitivamente o caso".

Eu tenho a minha própria experiência disto. Raramente traduzo poesia porque é necessário tempo para tentar enviar as traduções para revistas de poesia e para rastrear até onde foram, e se foram rejeitadas ou não. Mas fui contactada por um poeta Polaco, que me pediu insistentemente para traduzir alguns dos seus poemas – o que fiz de graça porque gostava deles, mas não acreditava muito firmemente nas minhas traduções. Eu não prometi nada – disse que não tinha tempo para publicá-los. Mas o poeta estava muito determinado e, então, enviou-os para revistas ele mesmo e, de repente, comecei a receber cheques para a licença para publicar as traduções (porque, claro, mesmo quando um autor pagou a um tradutor por um texto, os direitos de autor pertencem ao tradutor). Assim que as minhas traduções dos seus poemas apareceram em mais de uma dúzia de revistas literárias, ele pediu-me para abordar editores de livros. Graças ao conselho de outros tradutores que já tinham tido sucesso com poesia, consegui encontrar-lhe um editor de livros. Dez anos depois, agora temos duas coleções completas em Inglês e o seu trabalho apareceu no *New Yorker*, tudo porque, como autor, ele foi persistente e veio ter comigo para pedir a minha ajuda com algo que eu pensava que tinha pouco potencial. Agora são os tradutores de várias línguas que vêm ter com ele, perguntando-lhe se podem traduzir o seu trabalho. Então, se forem poetas ou tradutores que querem trabalhar com poesia, podem trabalhar bem juntos, desde que as vossas expectativas sejam realistas e não estejam preocupados com dinheiro.

Hoje em dia, não tenho tempo para ajudar os autores que me abordam, então, explico-lhes educadamente que estou muito ocupada, mas posso recomendá-los a outro tradutor – às vezes sei qual dos meus colegas pode estar interessado.

Então, o meu conselho para os autores é que abordarem diretamente potenciais tradutores não vos garante a publicação numa língua estrangeira. Pode levar, no mínimo, a alguns conselhos úteis, mas idealmente, a menos que vocês sejam poetas, precisam de um agente ou de um editor com a capacidade de vender direitos. E, se forem tradutores, sejam realistas se um autor vos abordar e, se quiserem muito traduzir um autor em particular, formem parceria com o seu representante de direitos.

A segunda coisa sobre a qual vos gostaria de falar é **como podem os autores e os tradutores trabalhar juntos para produzir a melhor tradução possível?**

Surpreendentemente, talvez, mesmo quando um tradutor foi incumbido de traduzir um livro por um autor vivo, nem sempre lhe ocorre ter qualquer contacto com esse autor, de modo algum. Perguntei a uma romancista histórica Britânica acerca da sua experiência com os tradutores. "Nunca tive qualquer contacto com os meus tradutores", disse ela. "Não tenho a certeza se isto diz algo sobre outras culturas de tradução ou sobre mim! Mas faz-me desconfiar do processo porque eu acabo sem ter noção se as traduções são fiéis ao meu trabalho ou não. Eu desejaria inquestionavelmente ter tido contacto com eles e deveria, provavelmente, ter sido mais proativa em pedir aos editores para nos pôr em contacto. Falta de experiência, suponho eu."

Como o poeta com quem trabalho tem sempre comentários úteis sobre as minhas traduções, perguntei-lhe acerca da sua cooperação com outros tradutores. E descobri que, embora ele seja traduzido para cerca de 20 línguas, só recebe perguntas minhas e do seu tradutor Alemão. "Maioritariamente não fazem perguntas nenhuma, mas eu preferiria que o fizessem porque nunca são demais. Se não o fazem, significa ou que são génios ou idiotas. Eu penso que há mais dos últimos no mundo. E, assim, valorizo os tradutores que eu posso consultar.

Um dos meus colegas, que é tanto autor como tradutor, teve uma experiência longe de ser a ideal com a tradutora do seu romance numa língua a partir da qual ele traduz: "A tradutora só esteve em contacto comigo porque eu insisti repetidamente para que o editor nos juntasse, neste ponto ela foi muito amigável e agora estamos, assim se espera, a ter um diálogo sobre como traduzir o título de uma palavra, por exemplo, o que é importante. Ela queria deixá-lo em Inglês, mas eu, definitivamente, não quero isso, então, estou a encorajá-la a ser criativa e a encontrar algo completamente novo." Ele não parece totalmente confiante, pois não? Talvez a tradutora estivesse nervosa por contactar um autor que conhece a sua língua, mas parece-me um erro não entrar em contacto.

Talvez alguns autores não estejam muito interessados em traduções do seu trabalho. Mas isso parece-me estranho – certamente os seus livros são os seus bebés, a serem enviados para o mundo para um destino incerto? Do ponto de vista do tradutor, não consigo imaginar não ter perguntas para os meus autores ou

simplesmente estar curiosa acerca deles. A maioria dos colegas a quem perguntei concordou comigo e deram-me conselhos muito bons de como construir uma relação de confiança, assim que tenham os vossos contratos de publicação em vigor.

Naturalmente, enquanto autores cujo trabalho vai ser traduzido por alguém que não conhecem, numa língua que não conhecem, podem sentir-se ansiosos. Pode esta pessoa ser confiável para compreender o meu trabalho devidamente? Como posso ter a certeza? Eu penso que, neste caso, tanto o autor como o tradutor podem fazer as coisas em benefício mútuo.

Aqui está o primeiro conselho sobre o que fazer para ter um resultado positivo, de uma entrevista recente com um tradutor de literatura Alemã: "No início do processo, escrevi ao autor para me apresentar (como eu rotineiramente faço com novos autores) e acabámos por estabelecer uma boa relação profissional." Enquanto autores, a menos que já conheçam o tradutor, têm que confiar no editor para escolher a melhor pessoa para o projeto. Enquanto tradutores que, provavelmente, têm perguntas para o autor, podem tranquilizá-lo, fazendo esse contacto prévio. Só precisam de enviar uma mensagem amigável para dizer que estão a trabalhar no livro e terão, talvez, algumas perguntas para ele mais tarde. É uma boa ideia dizerem-lhe aproximadamente quando pode esperar recebê-las. Podem querer contar-lhe um pouco sobre a vossa experiência anterior ou qualquer coisa que tenham em comum. Mostra-lhe que são profissionais, que estão a ter os seus sentimentos em consideração.

Perguntas para o autor

Mas, supondo que estabeleceram contacto, quando se trata da fase em que estão prontos para fazer perguntas, não será uma surpresa para o autor. Os tradutores devem ponderar quando e como fazer as suas perguntas; é geralmente melhor esperarem até terminarem a tradução e terem conseguido reduzir a vossa lista de perguntas para aquelas que só o autor pode responder. Não é conveniente incomodarem o autor com perguntas para as quais podem encontrar vocês próprios a resposta na internet. Se parecerem incapazes de fazer as vossas próprias pesquisas, podem comprometer a confiança do autor em vocês.

Aqui está uma boa observação da tradutora de literatura Sérvia: "Espero para colocar as minhas perguntas até que a tradução esteja feita porque, às vezes, elas ficam esclarecidas no decorrer da edição posterior. Mas eu gosto de mostrar ao autor, através das minhas perguntas, que li atentamente e que estou a prestar atenção. Também que tenho a humildade de admitir quando não compreendo alguma coisa.

Também é uma boa ideia fazer perguntas fechadas. Então, em vez de perguntarem vagamente: "O que é que isto significa?", é melhor perguntarem: "Isto significa X ou significa Y? Compreendi a sua intenção aqui? Considero que os autores ficam bastante surpreendidos com algumas das minhas perguntas porque, é claro, eles escrevem apenas, sem o mesmo processo analítico que eu aplico quando estou a traduzir. Pergunto-me a mim mesma: porque é que ele ou ela escolheu esta palavra? Qual era a sua intenção ao formular a frase assim, ao invés de outra

maneira? Mas eles tê-lo-ão escrito inconscientemente, instintivamente, sabendo o que queriam fazer. Então, às vezes, as nossas perguntas parecem estranhas ao autor. A Olga Tokarczuk disse-me que todos nós perguntamos coisas diferentes, embora, é claro, também compartilhemos perguntas; os tradutores que trabalharam no seu enorme épico histórico, *The Books of Jacob*, formaram um grupo de apoio, trocaram informações e pesquisaram pelo seu trabalho neste livro monumental que levou à autora oito anos para ser escrito.

A minha própria experiência tem sido muito positiva: eu envio ao autor uma lista de perguntas, assim que a tradução está mais ou menos concluída, e ele fornece-me respostas escritas. – No caso do escritor Polaco Paweł Huelle, até recebi o que equivale a um conjunto de contos em miniatura de resposta, uma pequena jóia literária para cada pergunta. Desejaria que todos os autores e tradutores considerassem que estas trocas são a base para o início de um bom relacionamento que continuará durante as suas carreiras e amizade também.

Uma área em que os tradutores precisam de ser sensíveis é quando encontram um erro num livro. Somos todos humanos, todos cometemos erros. Se os tradutores conhecem o autor, podem apontar erros – geralmente o autor fica grato. De acordo com o seu tradutor Inglês, o autor Holandês Gerbrand Bakker transforma em desporto o ver que erros é que os tradutores detetarão, e uma vez disse-lhe: "Oh, você é bom, mesmo o Alemão não detetou esse." (Embora, aparentemente, o tradutor Francês, que foi a próxima pessoa a traduzir o mesmo livro, tenha encontrado um que escapou ao tradutor Inglês!)

O autor reportagem Polaco Mariusz Szczygieł reúne as correções dos seus tradutores e, de seguida, corrige os seus livros conformemente em novas edições. Ninguém lê um livro tão cuidadosamente como os tradutores, então, eles estão destinados a detetar os detalhes. Mas, se ainda não conhecem o vosso autor, a melhor forma de lidar com os erros é apontá-los ao editor. Os editores são intermediários úteis e essa é uma das coisas que eles são pagos para fazer.

Os autores devem estar preparados para perguntas dos editores também; assim que o tradutor tenha entregado a tradução, o editor – que é, afinal de contas, o primeiro leitor na língua-alvo – surgirá com sugestões e perguntas para o tradutor, mas o tradutor pode nem sempre saber as respostas e pode ter que consultar o autor. É claro que o tradutor pode ajudar o autor a estabelecer contacto com o editor para estas e outras questões. Ocasionalmente, é necessária uma edição extensa antes que um livro funcione bem num dado mercado estrangeiro. Ouvei um bom exemplo de uma autora que também traduz do Holandês e, para além disso, costumava trabalhar como editora. Ela traduziu um livro acerca de algas marinhas. "O editor sugeriu vários elementos que deveriam ser adicionados, que a autora e eu pesquisámos e adicionámos juntas. Nós escrevemos as secções extra na sua mesa da cozinha e trabalhamos com as receitas do livro juntas, mudando e complementando-as. A versão Inglesa é cerca de 30 páginas mais longa do que a Holandesa e tem ilustrações diferentes. Isto mostrou-me a importância da confiança e da colaboração como estando em pé de igualdade. Caso contrário, aquelas secções extra teriam levado muito mais tempo para serem feitas corretamente. E sentar-me pessoalmente foi a melhor maneira de o fazer, melhor do que muitos *e-mails*." Eu penso que parece uma forma divertida de trabalhar também.

Eu, algumas vezes, ajudei a sugerir cortes ou revisões que um editor solicitou. Os meus autores nem sempre ficaram entusiasmados com as mudanças no seu texto, mas nós negociámos, algumas vezes não mudando as coisas, afinal, outras vezes concordando que uma modificação cuidadosa tornaria o livro melhor para aquele mercado em particular. Por exemplo, hoje em dia, os tradutores para Inglês podem deparar-se com questões politicamente corretas – os editores estão preocupados com o texto que algumas pessoas possam ler como ofensivo. Nestes casos, em vez de dizer ao autor que tem que haver um corte, sugeri formas de reformular o texto que tanto o autor como o editor pudessem aceitar.

Eu, por exemplo, tenho tido sorte a trabalhar com os meus autores, mas e se as coisas não forem tão simples? **Aqui estão algumas dicas para a resolução de problemas.**

E se, enquanto autores, não se sentirem realmente confiantes acerca do tradutor? E se, enquanto tradutores, sentirem que o autor está a tentar assumir demasiado o controlo? Estes problemas acontecem.

Com falta de conhecimento de todas as línguas para as quais o seu trabalho é traduzido, um autor só pode ter uma total garantia de que um tradutor é totalmente competente quando o livro é publicado e bem recebido. Mas o autor precisa de deixar o tradutor fazer o seu trabalho e aceitar que ele conhece a sua própria língua. Um dos meus colegas di-lo deste modo: “Os autores têm que aceitar que a tradução é uma arte imperfeita - nem tudo pode ser transferido para uma língua estrangeira, como a maioria dos autores sabe. Portanto, a tradução é um trabalho novo e o tradutor é o seu co-autor. Em última análise, o tradutor deve ter a última palavra porque ele está em melhor posição para olhar para a tradução do ponto de vista das pessoas mais importantes em todo o processo - os leitores. A maioria dos autores com os quais trabalhei aceitaram o julgamento final do tradutor e também que o texto traduzido é um novo texto escrito na minha língua, que é o meu texto, que não é e nem pode nunca ser uma cópia literal e exata do original. ”

Se anteciparem dificuldades, é melhor tentar resolvê-las logo no início do projeto. Isto é responsabilidade do editor - se o autor tiver dúvidas acerca do tradutor, ele deverá conversar com o editor sobre a sua escolha. Se o tradutor tiver preocupações, também ele pode pedir ao editor para ser o seu intermediário. Fiquem descansados que geralmente não é necessário.

Refletir antecipadamente para situações potencialmente difíceis

Por vezes, um tradutor é apresentado com um desafio linguístico específico quando um autor usou diferentes tipos de linguagem – tal como um dialeto regional, gíria ou elementos de linguagem inventada ou diálogo numa segunda língua que os seus leitores conhecem (um exemplo com que me deparei recentemente foi um romance Bielorrusso em que alguns dos personagens falavam Russo, o que foi relevante para a história). O autor sabe que as suas ou os seus leitores originais perceberão o sentido e compreenderão a sua intenção, mas o tradutor poderá ter que encontrar uma solução criativa que envolva afastar-se do significado do texto original ou assumir um compromisso. Neste tipo de caso, é uma boa ideia que o tradutor defina

uma estratégia no início do trabalho e a exponha ao autor, apenas para ter certeza de que ele está satisfeito com a mesma. Ou modifique essa estratégia se ele não estiver.

Um dos meus colegas teve uma experiência difícil com um autor cujo romance envolvia algumas complicações linguísticas deste tipo. Este tradutor é especialmente cuidadoso em estabelecer bons relacionamentos com os seus autores. “Sempre foi estratégia minha trabalhar com os autores”, disse-me ele, “porque quero ter a certeza de que eles ficam satisfeitos com o produto acabado e também estar em posição de contrapor qualquer crítica futura com o argumento de que tudo foi visto e aprovado pelo autor. De um modo geral, isto tem funcionado bem para mim e não tenho tido nenhum conflito com ninguém. A minha metodologia, acordada informalmente com o autor com antecedência (e idealmente acordada por escrito via *e-mail*), é enviar-lhe alguns capítulos de cada vez, pedindo-lhe que me envie os seus comentários dentro de um prazo razoável. Normalmente, ele responde com algumas perguntas e comentários, aponta os erros ocasionais e depois eu faço as revisões.”

Até agora, tudo bem – essa parece a abordagem correta. Mas depois ele disse-me: “No entanto, eu, uma vez, encontrei uma autora que tinha um entendimento de tradução diferente do meu. Ela desejava estar profundamente envolvida no processo de tradução e ter o direito de verificar tudo. Por outras palavras, controlar o processo de tradução ou, pelo menos, foi essa a sensação que tive... Eu percebi que deveria ter tido uma estratégia planeada e acordada previamente. Decidi que, da próxima vez que trabalhasse com um escritor que não conhecesse, consideraria perguntar aos seus tradutores anteriores acerca da sua experiência e, antes que os contratos fossem assinados, discutiria com a editora (o editor) o limite do direito do autor de interferir no processo de tradução e fazer alterações no meu trabalho.”

Parece bastante drástico e é um exemplo incomum, extremo, mas nalguns casos faz sentido tanto para o autor como para o tradutor refletir antecipadamente e ver as coisas do ponto de vista um do outro desde o início. E o melhor de tudo é estabelecerem contacto desde cedo, mesmo que apenas por *e-mail*, conversem, mostrem que ambos ambicionam o melhor resultado e que são uma equipa.

Um dos editores com quem trabalho regularmente disse, uma vez, como é bom quando se forma uma equipa em torno de um autor cuja tradução ele está a publicar - um bom agente, um bom tradutor, um bom editor e uma boa editora – e depois essa equipa continua a produzir uma série de livros ótimos e a partilhar carreiras maravilhosas.

Devo acrescentar que, embora eu tenha tentado encontrar-vos exemplos de uma diversidade de países, pedindo aos autores e tradutores que me contassem acerca das suas experiências, alguns dos processos envolvidos na publicação variam de lugar para lugar e, portanto, alguns dos meus conselhos podem não ser aplicáveis. Enquanto tradutores, é provável que saibam o que acontece no vosso próprio país, como funciona o argumento de venda para os editores, que etapas estão normalmente envolvidas na edição e assim por diante. Portanto, se estabelecerem contacto com o vosso autor, podem ajudá-lo a entender como é que as coisas são feitas no vosso país.

Em terceiro lugar, como podem um autor e um tradutor trabalhar juntos para promover a sua publicação conjunta?

Eu penso que um tradutor pode fazer muito para ajudar a promover e comercializar o livro que ele ou ela traduziu.

Os tradutores podem ajudar os seus autores, usando as redes sociais para os promover. Os tradutores da Olga Tokarczuk têm sido particularmente ativos, não apenas com a página do Facebook do Okna, mas com uma página "Olga Tokarczuk em Inglês". Os tradutores podem participar em entrevistas e *podcasts* ou escrever blogues, para revistas e *sítes* destinados ao trabalho traduzido e - melhor ainda - apenas à literatura em geral. Para além de ajudar a vender livros, é aprazível, constrói carreiras e, melhor que tudo, torna a literatura traduzida numa arte dominante. Nos países de língua Inglesa, onde existe uma enorme concorrência no mercado livreiro, as pessoas tendem a pensar na literatura traduzida como secundária em relação à literatura de língua Inglesa, mas quanto mais visíveis e vocais os tradutores se tornarem, mais "normal" e dominante será a literatura estrangeira.

Quando estou a negociar contratos, digo à editora que farei tudo o que puder para ajudar a comercializar o livro – Chamo-lhe o meu "valor acrescentado", motivo pelo qual me devem pagar direitos autorais. Mas também o faço porque me preocupo com o autor e com o sucesso do "nosso" livro. Não tento apenas ajudar com os eventos de promoção, mas sugiro pessoas famosas para escreverem as sinopses da capa ou citações elogiosas ou compilo listas de potenciais críticos ou pessoas bem cotadas para comentar o livro. Eu, uma vez, enviei um livro, do nada, a um escritor famoso, com uma carta escrita à mão para lhe dizer que o autor era fã do seu trabalho. Não havia expectativa ou pedido, mas, alguns meses mais tarde, ele escolheu o nosso livro como o seu Livro do Ano num jornal influente. Se eu não lho tivesse enviado, ele nunca teria sabido que existia. É claro que ele podia, legitimamente, ter ignorado a minha carta ou não ter gostado do livro, mas valeu a pena o risco - eu não tinha nada a perder. Também foi divertido – eu gostei de ter a desculpa para lhe escrever e ainda me lembro da excitação nervosa de enviar o livro, imaginando o que pensaria ele.

As probabilidades são de que, se existir um instituto cultural que represente o país do autor no país do tradutor, o tradutor conheça as pessoas de lá. Por exemplo, há um Instituto Cultural Polaco em Bucareste, entre outras cidades, e um Instituto Cervantes em Belgrado, entre muitas outras cidades. Estes institutos culturais existem para promover as artes do seu país, incluindo a literatura, portanto, um tradutor está numa boa posição para conectar o seu editor ao instituto correspondente como uma fonte de financiamento e publicidade para um evento promocional do seu livro.

Os tradutores também estão, muitas vezes, a par dos festivais literários organizados no seu próprio país. Se a sua editora for demasiado pequena para ter um publicitário dedicado cujo trabalho seja dar sugestões aos organizadores dos festivais, o tradutor poderá tentar fazer isso. O tradutor pode ter boas ideias para apresentadores mais adequados para entrevistar o autor. Os tradutores também podem participar nestes eventos; às vezes, eles precisam de agir como intérpretes

do seu autor e, outras vezes, aparecem junto ao autor por direito próprio, como, essencialmente, co-autores do livro traduzido. Como disse a Olga Tokarczuk na citação que eu li no início, eles dão um novo e especial contributo, concedendo ao seu trabalho uma nova autonomia.

Eu gostaria de pensar que os autores estão dispostos a investir algum tempo na promoção do seu livro traduzido. A maioria dos autores aproveita a oportunidade para viajar; embora, claro, seja trabalho, não são férias, e pode ser bastante exigente – significa, muitas vezes, vários dias longe de casa por uma pequena quantia. Frequentemente, o livro traduzido aparece vários anos depois do original e o autor seguiu em frente; “Não me consigo lembrar dele agora”, diz-me ele. Aqui o tradutor pode desempenhar um papel, uma vez que é mais fresca a sua experiência.

Se eles tiverem que se conhecer uns aos outros, tradutores e autores podem sugerir eventos criativos, tais como duelos de tradução: dois tradutores traduzem o mesmo trecho do texto sem se consultarem um ao outro e depois, na presença do autor, um moderador compara os textos e discute com eles as suas escolhas. Nunca ninguém se esquece de participar num duelo de tradução ou de assistir a um também. É muito divertido, o público adora e vende livros. Toda gente se vem embora surpreendida com o que a tradução realmente envolve.

Alguns livros são ideais para apresentações multimédia, com fotografias, música e trechos do livro lidos por mim e pelo autor – Eu fiz isto eficazmente com o romancista Polaco Jacek Dehnel, que escreveu um romance baseado na vida da sua avó, no qual ele mencionou que todas as fotografias da família tinham sido queimadas por soldados do Exército Vermelho; É claro que, depois de o livro ter saído na Polónia, apareceu um parente distante que tinha cópias das fotografias perdidas. Então, para o nosso evento em Londres, mostrámo-las e tocámos as peças musicais favoritas da sua avó, mencionadas no livro, para ilustrar as nossas leituras. Vendemos várias caixas carregadas de livros naquele evento - todas as cópias que o publicitário tinha trazido.

Em todos os casos em que um tradutor participa na promoção de um livro específico, ele ou ela deve receber uma comissão por participar, quer isso signifique falar sobre o seu trabalho, interpretar para o autor ou traduzir ensaios promocionais encomendados pelo autor para publicação na imprensa. É claro que não há obrigação de fazer nenhuma destas coisas - algumas pessoas detestam apresentar-se em público. Como me disse o Jacek Dehnel: “Eu já tive casos de tradutores que não queriam participar em eventos promocionais de todo porque eram tímidos e achavam constrangedor, e não há nada de errado com isso. Mas, habitualmente, estes eventos têm sido muito bem-sucedidos e eu adoro que os tradutores participem também - a maioria deles dá muito de si próprios.”

Irem para o estrangeiro para promoverem o vosso trabalho também pode ser uma aventura. Muitos dos meus autores ficaram comigo quando vieram a Londres para promover o seu trabalho e nós aproveitámos a oportunidade para fazer uma viagem e nos divertirmos um pouco. É ótimo passarmos tempo juntos, conversarmos sobre o que estão a trabalhar de momento, planear o futuro, saber como pensam e como

vêm as coisas. Às vezes, vejo as minhas piadas ou ideias a surgirem nos seus próximos livros e, nessa altura, sei que realmente estamos a trabalhar juntos.

E, finalmente, o relacionamento perfeito

Eu vou terminar com uma das minhas histórias favoritas acerca de uma cooperação profícua entre autor e tradutor. Vem de Roland Glasser, que traduz do Francês para o Inglês. Ele traduziu *Tram 83*, um romance do autor Congolês Francófono, Fiston Mwanza Mujila. Passa-se numa discoteca, numa parte detida pelos rebeldes de uma cidade num país Centro-Africano que está no meio de uma revolução, e é sobre a amizade arrojada entre um escritor idealista e um cínico tratante, cada um dos quais adota uma abordagem diferente para o seu ambiente estranho e perigoso. Está cheio de gíria muito específica e deve ter sido muito difícil de traduzir.

Na *Asymptote*, uma revista de tradução, o Roland escreveu sobre a primeira noite que ele passou com o autor, num restaurante que servia comida Congolesa num bairro do norte de Paris². Aqui está como ele conta a história:

“Eu li o *Tram 83* pela primeira vez quatro meses antes e, em poucas páginas, fui quase fisiologicamente transportado. Conseguia sentir o suor a escorrer pelas minhas costas abaixo e cheirar o fedor de corpos, cerveja, diversos fluídos corporais, lixo e carne de cão grelhada. Foi um puro orgasmo literário, gerando um relato de um livro delirante e repleto de palavrões para Will Evans, da *Deep Vellum Publishing* em Dallas, que o comprou. Dois meses depois, virei-me do avesso, com algum custo para a minha sanidade e relacionamentos pessoais, para elaborar uma amostra de dois capítulos, garantindo-me o direito e o privilégio de traduzir o "romance de jazz" de Fiston para Inglês. Agora, enquanto caminho com o Fiston em direção ao restaurante, o livro tornou-se um sucesso crítico em França, arrecadando várias nomeações para prémios importantes e uma primeira página inteira espalhada no *Le Monde des Livres*. Venha a hora, venha o homem, mas eu ainda tenho que traduzir outra palavra.”

Então, nesta fase, o Roland tinha defendido um grande livro, convencido o editor, garantindo a comissão de tradução e só depois é que o livro se tornou um sucesso na sua própria língua. Ele continua para dizer o que ganhou ao procurar e conhecer o autor antes de começar a sua tradução, e como a relação que estabeleceram numa saída noturna em Paris foi o primeiro passo para produzir um livro conjunto que foi um enorme sucesso para ambos.

Esse livro levou ambos, autor e tradutor, na sua primeira viagem aos Estados Unidos, para uma frenética digressão promocional que os levou pelo país, desde Nova Iorque via Texas até Seattle e Califórnia. Posteriormente, o Roland fez a entrevista mais incrível a Fiston Mwanza Mujila, publicada na *White Review*, em janeiro de 2016³. É uma das mais excitantes, profícuas e enriquecedoras colaborações entre autor e tradutor de que eu já ouvi falar, a ilustração perfeita do tipo de relacionamento que estou a tentar encorajar-vos a terem nas vossas carreiras. Vou terminar lendo-vos alguns destaques, mas procurem-nos, se puderem.

² <https://www.asymptotejournal.com/criticism/fiston-mwanza-mujila-tram-83/>

³ <https://www.thewhitereview.org/feature/interview-with-fiston-mwanza-mujila/>

N.B. PARA A TRADUÇÃO EM FRANCÊS, É FAVOR CONTACTAR ROLAND GLASSER E FISTON MWANZA MUJILA

O Roland perguntou ao Fiston como é que ele se sentia em relação às muitas perguntas que este fez sobre o texto, e aqui está uma parte da sua resposta:

“Bem, no início eu disse a mim mesmo: ‘Este tipo é louco! Quem é que ele pensa que é, a fazer-me mil perguntas? O que é que eu lhe fiz? Ele acha que lhe vou traduzir tudo?’ Essa foi a minha primeira impressão, mas depois apercebi-me que é mais tranquilizador ter um tradutor que faz muitas perguntas, em vez de ter um tradutor que não faz quaisquer perguntas ou muito poucas, e que me sentiria desconfortável com um tradutor que acha que entende completamente o meu texto, que pensa que entende tudo o que digo... Eu prefiro um tradutor que me faça perguntas porque sei de onde retiro os meus textos, sei onde e como nascem os meus textos. Eles não nascem simplesmente assim, na praça principal; eles vêm de longe, da minha aldeia interna e não apenas do Congo, mas do fundo de mim mesmo, de descobertas que refletem vários mundos imaginários. Quando um tradutor não me faz quaisquer perguntas, eu digo a mim mesmo que devia estar preocupado. Então, foi um prazer, para mim, fazerem-me estas perguntas e respondê-las, estar disponível. Com o passar do tempo, apercebi-me de que era importante, não só para mim, mas para as pessoas que vão ler o texto em Inglês. Eu penso que era importante dar um pouco de orientação a respeito de determinadas palavras.”

“Quando estavas a fazer as tuas perguntas – eu sabia que era importante mencionar certas coisas, mesmo coisas aparentemente triviais, mas que podem revelar-se importantes, não só para ti próprio, não só para o *TRAM 83*, mas para outros textos meus porque, para além deste projeto de tradução em particular, realmente gostaria que, se eu escrevesse outros textos, tu, Roland, os traduzisses para Inglês. Ter encontrado um tradutor para esta língua e não mudar de tradutores como se mudariam pares de sapatos.”

“Isso realmente comove-me, que tu quisesses isso. E é verdade que tendo tu respondido a todas estas perguntas, assim como o facto de depois de fazermos esta digressão juntos, e tendo-te ouvido a falar muito sobre certos assuntos, eu entendo muito mais sobre ti e a tua obra literária, por isso, haverá certamente referências em coisas que tu escrevas no futuro que me serão familiares. Eu entenderei as referências e alusões ocultas sem precisar de te fazer as mesmas perguntas novamente.”

Depois o Roland perguntou como era para o Fiston fazer leituras do seu livro em digressão com o seu tradutor. Aqui está uma parte da sua conversa:

FMM: “É interessante trabalhar com o meu tradutor, fazer estas apresentações contigo, Roland, porque é um processo de humildade, ouvir o meu texto lido por outra pessoa, aceitar isso e partilhar este prazer contigo no palco, este prazer de falar as palavras, de falar o texto. Esta tem sido verdadeiramente uma experiência muito bonita para mim. Agrada-me realmente ver a forma como mudas de tradutor para um... Não vou dizer ator porque o que temos estado a fazer não é representar...”

RG: “Eu também retirei muito destes momentos colaborativos no palco contigo porque, embora seja verdade que a tradução em si foi de certa forma uma espécie de colaboração, foi uma colaboração discreta, uma colaboração remota – exceto, claro, aqueles momentos em que discutimos certas questões que eu tinha. Mas foi qualquer coisa vermo-nos realmente a criar esta terceira coisa juntos. Primeiro havia o teu texto Francês, depois o meu texto Inglês, que também era o teu texto, e depois havia esta terceira coisa composta por ambos os elementos.”

FMM: "Sim, eu descobri que, quando chegámos aqui e começámos a nossa digressão, tive de quebrar esta relação de autor/tradutor porque era uma relação em que discutíamos as palavras e frases que tu não compreendias; mas aqui mudámos para outra relação, uma que era mais colaborativa, mas também prazerosa porque nos divertíamos."

Então, aqui está o exemplo perfeito de uma grande amizade nascida da literatura, e uma que tem um futuro. Quando lhe perguntei acerca da mesma no outro dia, o Roland resumiu-a bem: "Basicamente, tudo se resume a comida + muita cerveja".

Se ainda estão comigo, obrigada por me ouvirem!